



valter hugo mãe

publicação
da mortalidade

ASSÍRIO & ALVIM

valter hugo mãe

publicação
da mortalidade

poesia reunida

ASSÍRIO & ALVIM

primeiro livro
poema feio

deus é o gémeo
de cada um

poemas são transumâncias
de deuses

pastam nos versos
a infinita criação

página
coágulo branco

deus dentro
do coágulo branco

alguns homens discutem
semelhanças no excessivo fim
das tardes de outono
quando pássaros juntos
ainda mantêm o silêncio
e a terra inteira se muda
até que alguns homens
não sobrem depois
do fogo

algumas mulheres esperam
tardíssimo
depois de haver
senão a coragem de
amar na solidão
já a terra inteira muda
e rezar é ter nada a dizer
até que algumas mulheres
não sobrem depois
do silêncio

ausculto as marés do sangue
levando o amor náufrago às
praias do peito
meu sol haverá de alçar
meu sol haverá de alçar

livro ao mar
deus ao mar

escolho amuletos entre
os versos mas deus não
se chama por coisas feias

abaixo da prata
é verbo infecundo

coisas feias
são pagãs

a tristeza é despesa
espiritual serve de
muito suborno aos santos

seremos todos acusados
quando deus vier regurgitar o beijo

a enxada é minha
asa de ferro

o voo é sulco
ferida de lavra
gesto para o fruto

à mesa a palavra
é meu cordeiro
cicatriz laboral

deus é um sintoma

matemática de infinitos
vai aparecer nos
bocadinhos de cada coisa
nem que para morrer

se houver morto
ao seu cadáver infinito
ao seu cadáver infinito

versos prévios à
virtude dos santos

pela fortuna dos versos
sei que morte inteira
passarei pelo buraco da agulha
a biblioteca

à mínima palavra santa
a sobra de um gato
se move na casa

animal litúrgico

deus é proibido pela
sinfonia que começa

escutar
de todo o modo
é prece

fica sob a santa um
dinheiro alto para
consolar os preços do céu
mas deus não tem gasto
sobra
por toda a parte

viramos a santa à
parede para as poupanças

cada sorriso é para deus
cada sorriso faz um menino

mais silêncio
meia oração

deus modo de usar:
há um gato pousado
na diferença das nossas idades

pela prece faço
a enfermaria de deus
melhoro suas saúdes plurais
seus corpos jamais
vão parar de se aproximar

alguém de entre deus
saberá encontrar-me
até que volte a ser proibido
pela evidência simples do amor

deus ajusta a santidade
à minha fé

enquanto disponho livros na
biblioteca segundo
um critério de esperança

é tardio tanto
envelheço por seu
tamanho no tempo

vou sempre trocar-te
por uns versos
poemas feios os meus
poemas feios

declarar a prece
rezar pelos dedos é
desconfiar de deus

a humanidade acontece
às crianças e aos
velhos
resto disso há um
bicho com ocasional
adorno sentimental

todas as guerras estão
infectadas pela
expectativa do amor

o carinho insensato pelas
ideias tradicionais do norte
o estudo do decepcionismo
a espiritualidade mais laboral
um angelismo para cada gesto
pobrezinhos de nós que
estamos sempre no inverno
há verão só pelo meio de
duas tardes e tão poucos estorninhos
anda ver
anda ver como se reza a caminhar para trás
e dar corda ao diabo a rir de
estarmos todos a morrer
já pouco importa
ser pessoa é matar mais vezes do que
morrer
e somos o alvo de todos os santos
incidirão sobre nós para enorme salvação